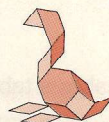


EM - Fico com quanto no total?
 I - 12!
 EM - E agora qual seria o número que vinha a seguir se eu acrescentar mais uma saia?
 I - Ai, Ai...? 15!
 EM - não estás aqui a ver nada parecido com coisas que já falámos antes? [tínhamos escrito os vários passos do problema num caderno]. Isto é a tabuada de quê?
 I - É a tabuada do...3! Ai tão giro!!
 [Bate as palmas numa expressão claramente significativa de como achou graça à descoberta]
 EM - É muito mais giro assim do que estar a fazer tabuadas...
 I - Mas assim demora-se mais tempo...
 EM - A tua professora não gosta que vocês demorem tempo nas tabuadas?
 I - Não é que...de vez em quando algumas coisas não estão acabadas é porque a minha professora muda de trabalho logo... Eu demoro muito a raciocinar de cabeça e não tenho tempo para fazer as coisas.
 EM - Mas tu achas que é mais importante raciocinar ou decorar as coisas?
 I - Não sei... as duas coisas.



Em todas as actividades não rotineiras que a Inês fez connosco naquela manhã, revelou capacidade de resolução de problemas, mostrou-se uma criança perspicaz, com facilidade de comunicação expressando-se numa linguagem clara, mostrou entusiasmo por algumas das questões que se colocaram.

O tempo de aprendizagem é uma preocupação que a Inês manifestou várias vezes durante a entrevista. Temos de reflectir sobre o que é aprender matemática. Se o objectivo é raciocinar, relacionar, descobrir, pesquisar, investigar, os alunos precisam de tempo. Mecanizar apenas exige repetição.

Quando acabámos a entrevista, fomos ter com a mãe da Inês. Mal chegámos à porta, a Inês foi a correr ter com a mãe, toda entusiasmada, abriu o livro e mostrou-lhe a figura com os triângulos: vê lá se descobres quantos triângulos tem esta figura, aposto que não sabes!!!! Mais tarde viémos a saber que ela colocou a mesma questão aos primos e aos tios, e que os primos, crianças de idades próximas, entretanto descobriram outras questões do mesmo género que lhe colocaram a ela.

Esta entrevista foi para nós um alerta. Não queremos pôr em causa ninguém e muito menos a professora da Inês. Pensamos que todos nós, professores de Matemática de qualquer nível de ensino, devemos reflectir sobre o nosso trabalho, sobre as propostas dos programas e como abordá-las com os alunos. Temos de procurar perceber quais são as repercussões, para o ensino, da evolução da sociedade. A forma como aprendemos já não serve para ensinarmos. Temos de exigir condições de trabalho para investir na nossa actualização, exigir uma formação a sério. Precisamos de trocar experiências, de pensar em conjunto, de abrir a porta da nossa sala de aula e questionar o nosso trabalho, estarmos dispostos a mudar a nossa prática quando ela se mostra desadequada, fazer o levantamento adequado das nossas necessidades de formação, saber dar a palavra aos alunos, perceber os seus interesses, saber motivá-los e aproveitar o seu espírito de curiosidade pelas novidades. Porque, afinal, ajudar os jovens ou as crianças a ganhar confiança nas suas capacidades, não será o mínimo que um professor deve fazer?

Ana Vieira
 Escola Secundária de Linda-a-Velha
 Lurdes Serrazina
 Escola Superior de Educação de Lisboa

Sabia que...

— Factos, acontecimentos, curiosidades a propósito dos dez anos da revista e da APM

Saber de cor a tabuada: problema ou mito?

Um dos problemas de que mais frequentemente se ouve falar, quer entre os Professores que utilizam a Matemática nas suas aulas, quer entre os Pais de alunos que frequentam o Curso Unificado, é do desconhecimento que os alunos têm da tabuada da multiplicação

Não, não se trata de mais uma crítica ao uso da calculadora ou aos novos programas... trata-se apenas do primeiro parágrafo de um artigo escrito pela colega Alice Inácio, publicado no segundo número da

Educação e Matemática, em Abril de 1987.

Já lá vão quase dez anos, já mudaram os programas... já... tanta coisa, e as preocupações continuam a ser as mesmas?



Banda desenhada publicada no primeiro número de Educação e Matemática (Janeiro/1987)